Sobre o novo ouvidor

Então, eu nasci em São Luís, Maranhão, mas as eu vim com menos de um ano de vida pra Natal e moro aqui desde então, tenho 29 anos. Eu vou dar as informações, assim, maiores e você faz o recorte, só do que você precisa, tá?

Ensino fundamental, acho que já é demais, né? Mas fundamental, eu estudei na escola aqui chamada Casa Escola, Instituto Educacional Casa Escola, que é uma escola muito de estudos e passei no ensino médio para o IF Natal Central, em **Edificações**. Não conclui o curso, no quarto ano, eu desisti do curso pra seguir na área de **Informática**. Comecei a trabalhar numa empresa que da minha casa chamada Interativa Digital e justamente me motivou, em 2010, fazer **Análise de Sistemas**, no IFRN Cnat.

Me graduei em 2014 e a parte curiosa da história é que o meu concurso, que o edital novembro de 2013, a minha prova teórica foi no dia 26 de janeiro de 2014 e eu ainda estava cursando o curso nesse período, tava no 5º semestre, então tive que antecipar o curso, inclusive antecipar, né? Provas e tudo mais e também a minha própria colação de grau, que aconteceu na Reitoria, e na época tava como reitor em exercício, o professor Ribamar, antigo pro-reitor de ensino e o também o professor Arnóbio também estava lá na época como diretor geral do campus Natal central.

Na época da graduação em análise de sistemas, eu fui do **Movimento Estudantil**. Dentro do centro acadêmico curso, a gente fundou, eu fui o **segundo presidente** e a gente tentou fazer muitas melhorias lá na vida dos estudantes, fazendo semana de integração, a gente levou muitas palestras de empresas internacionais, fez lançamento de Windows da Microsoft, Windows oito, na época, muitas atividades nesse período, eu, justamente, me tornei professor no IF de Ipangaçu, 1º de julho e 2014.

O meu diploma saiu no dia 26 de junho e a minha data de posse tinha que ser no mesmo dia. Então, o meu diploma como graduado saiu no último dia pra eu assumir o concurso.

Assumi com professor no dia 1º de julho de 2014, com **22 anos**. E segui desde então. No campus Ipangaçu, eu decidi, justamente, que eu não gostaria de ficar me remanejando, eu queria criar raízes em um lugar, eu escolhi Ipangaçu e já dei aula pra várias gerações das mesmas famílias, já dei aula pra irmãos, primos, tios e sobrinhos. E enfim, é a experiência que eu queria ter.

E do ponto de vista também de qualificação profissional, **eu cursei de 2017 a 2019, mestrado, em Inovação e Tecnologias Educacionais**, do Metrôpoles Digital da UFRN. E hoje em dia, né? Sou o mestre nessa disciplina assim, digamos assim, nesse, nesse curso de pós-graduação. Estou no conselho superior, desde 2019, fui conselho de ensino e pesquisa e extensão em 2015 e agora tô no conselho superior desde dois mil e dezenove e com professor Arnaldo agora vou tá assumindo o desafio da ouvidoria.

Sou professor de **Sistemas da Informação** (meu concurso), e **dou aula das disciplinas técnicas de Programação nos cursos de Informática** (Integrado, Licenciatura e Subsequente em Manutenção) e de **Informática Básica** nos demais cursos.

Como se sentiu ao ser indicado ao cargo e o que ele representa para o senhor

Minha relação com o professor Arnóbio começou em 2011, quando ele tava se candidatado, pela primeira vez, à diretoria geral do campus natal central. Então, ali, no início de 2012, salve engano, nos primeiros meses, que foi a votação em si. Naquele momento, em dezembro de 2011 ou dezembro de 2012, eu não tô lembrando agora perfeitamente, possivelmente final do ano, 2012. Mas, ali que a gente conheceu, eu tava no centro acadêmico na época, professor Arnaldo se elegeu vencendo na época. E desde então, daquele momento em diante, eu tenho uma relação próxima com o professor Arnóbio, de amizade, de confiança. Claro que sempre com independência.

Então, todas as vezes, durante a gestão dele, em que ele precisava de participação dos estudantes do nível superior, muitas vezes ele estendia o convite a nós como, centro acadêmico, que representássemos os estudantes. Então, CPA, discussões na época sobre o próprio Bosque, Rodo Calixto (?), a criação do coletivo ambientalista, a gente participou de basicamente todas as discussões que permearam esses oito, esses quatro, quando eu tava indo estudante, né? De 2012 e 2014, eu tava lá em todas as atividades necessárias e quando eu fui sindicalista, né? Dentro da gestão, porque eu sempre considerei que pra você entender uma realidade, é bom que você conheça todas as partes que participam dela.

Então, na minha cabeça eu já tinha vivência, né? De aluno, eu iria tá tendo a vivência de professor e eu achei importante também ter vivência de sindicalista, porque eu não me via participando da gestão imediatamente. Então, eu fui participar sindicato, teve muitas atividades na época, teve greve e eu tava num movimento de greve, tudo isso.

E essa experiência toda, me, assim, sempre foi desafiante, eu sempre me senti muito honrado em cada um desses momentos, desde aluno, quando era convidado pra participar de determinadas atividades, depois quando tava no sindicato... E a relação com o professor Arnóbio sempre existiu ao longo desse período todo. Muitas vezes eu conversava com ele, me convidava pra aparecer lá no Natal central pra gente conversar sobre tudo, que se passava no instituto e eu sempre, sempre carreguei comigo as demandas de estudantes, porque eu acredito que obviamente a instituição existe pra os estudantes, mas não apenas isso, os estudantes, eles, de fato, têm muita dificuldade em se manifestar, em resolver seus problemas, porque não sabem direito e quando eles, finalmente, se tornam adultos o suficiente, maduros o suficiente pra conhecer tudo, eles se formam, quando é no integrado, né? E quando é no superior, os adultos, eles já são adultos, trabalham e já estão, muitas vezes,

envolvidos com suas próprias realidades, suas próprias famílias e trabalho e atividades e não tem tempo justamente pra ajudar a construir melhor o IFRN.

E esse sempre foi o desafio pra mim: como evoluir o IFRN pensando especificamente no ponto final ali, vamos, né? Professor Arnóbio se manteve em sala de aula, pra mim sempre foi relevante pra ele como gestor, porque ele tava em contato diretamente com os alunos sempre, em especial, os alunos do primeiro ano.

Eu também, lá em Ipanguaçu, sempre tento dar aula pros alunos do primeiro ano, porque você vê a instituição sempre com olhos renovados. Um aluno que chega no primeiro ano, uma aluna e encontra problemas e não tá acostumado ainda, você justamente percebe que, olha, ter esse problema daqui, que todo mundo, quando é um pouquinho mais já se acostumou a driblar esse problema. Mas, poxa, por que que a gente tem que driblar um problema? E não resolvê-lo? Então, sempre carreguei comigo esse espírito de resolver o problema pras pessoas que ingressam, pras pessoas que menos sabem, facilitar e em específico pra função de ouvidor, eu acho que é o cargo que tem mais esse potencial.

O ouvidor não tem poderes administrativos de realmente implantar mudanças, mas ele vai justamente fazer a intermediação tanto do público interno, quanto do público externo com a administração do IFRN, vai gerir justamente todos esses mecanismos internos de reclamação, de manifestações, de sugestões, de elogios e tudo, pra que o instituto possa tá evoluindo cada vez mais. Então, eu me senti muito honrado com o convite.

Pra mim, se torna a finalização de um ciclo e o início de outro, porque até agora, eu justamente venho agregando cada vez mais as experiências de diferentes realidades como estudante, depois como professor, depois como sindicalista e agora vou tá como um membro da gestão, só que, na verdade, não é exatamente da gestão, porque a ouvidoria tem independência, mas eu vou tá justamente servindo através da minha experiência desse momento pra evolução do IFRN.

Então, resumindo, a ouvidoria, pra mim, significa o **potencial de causar mudança**. Se antes eu já tinha a minha voz, participei de basicamente todos os âmbitos de discussão que eu posso, localmente no meu campus, em discussões mais gerais, né, sempre manifeste através do email institucional, participei do conselho superior e eu vejo a ouvidoria como um ponto central nisso. Realmente com uma dimensão estratégica, porque no mundo que a gente tá vivendo, em que nós precisamos avançar sempre cada vez mais rápido, pra nos atualizar com relação a legislação, pra atender às demandas sociais dos estudantes, dos familiares e também pra justamente criar mais transparência, criar mais facilidade de acesso à informação, a ouvidoria permeia tudo isso, que são justamente **os desafios que eu mais desejei enfrentar durante toda a minha carreira**.

Eu nunca desejei “ah, eu gosto, eu quero fazer, eu quero construir mais prédio do IF, eu quero renovar os laboratórios do IF. Eu quero melhorar a carreira dos docentes”. São coisas que todo mundo pensa e eu também, obviamente, gostaria dessas coisas, mas nunca foram minha prioridade, minha prioridade sempre foi: **“Como que eu posso tornar a experiência, a custo zero, sem usar recursos, como eu posso melhorar a experiência do IFRN, tanto para os servidores, culturalmente falando, o que que a gente pode fazer, quanto pra os estudantes também. É burocracia quem tem que mudar? É cultura que a gente tem que fazer, com o menor custo possível.”**

Quais são suas expectativas para essa nova fase em sua vida?

Olha, o cargo de ouvidor é um cargo muito curioso porque, tipo, foi ocupado por um ex-diretor geral, **professor Nilson**, quando saiu da diretoria geral do campus Natal Central, e depois por um ex-reitor e ex-presidente do Conselho Nacional dos Institutos Federais, né, dos reitores, o **professor Belchior Rocha**. Ou seja, professor Enilson foi pra lá e já, já tinha, já tava basicamente no topo da carreira, no topo da sua experiência profissional, seguido o professor Belchior. E o **Gelson**, que era o substituto do professor Belchior, técnico da reitoria, ocupou a ouvidoria, né? Ali em outubro de 2019, ao longo de 2020, né? Mas o IFRN sofreu muito ao longo de 2020. Então, o Gelson não teve tempo, oportunidade de dar a sua própria cara, a Ouvidoria.

O que eu quero fazer é a minha compor mais ainda esse legado que foi deixado até o momento por um ex-diretor geral, por um ex-reitor e por um técnico da reitoria, ou seja, muitas expertises diferentes, que justamente trazem consigo suas próprias experiências.

Professor Nilson, foi o primeiro ouvidor, mas na época, as próprias ouvidorias a nível nacional ainda tavam surgindo, não tavam amadurecidas. Então, era muito incipiente, ainda tava engatinhando esse tipo de coisa, e desde então pra frente vem amadurecendo mais e mais e cada um trouxe obviamente sua própria experiência, sua própria visão. E essa visão macro de quem já tá na gestão há muito tempo, como professor Nilson e professor Belchior e até o Gelson, né, que eh sempre foi lotado na reitoria, sempre não, mas desde que eu eh sei da existência do Gelson eu estava na reitoria, então são vivências que permeiam muito a vida administrativa necessariamente, porque professor Enilson, professor Belchior já não estava em sala de aula fazia muito tempo e apesar, obviamente, né? De como gestores terem uma proximidade muito grande com os estudantes, é diferente da visão que eu trago, sendo um professor que passei toda a minha carreira, minha jovem carreira, tanto em idade quanto em tempo de duração, num campus do interior.

Eu sou do campus Ipangaçu, que é um campus lotado no, na comunidade rural, meu público ali de estudantes, é o público justamente desse entorno e eu quando assumir a ouvidoria, vou levar comigo essa experiência de alguém que tava cem por cento em sala de aula nesse período, que é jovem, que é a minha formação também na área de sistemas, então, meu objetivo é poder integrar muito bem todas as funcionalidades todo o potencial que existe em tecnologia

da informação, pra que a gente possa otimizar, as reclamações, sugestões e as transformações do IF. Inclusive agora, né? Vamos ter o comitê de governança digital, em que eu vou tá participando assim que eu for como assumir como ouvidor e me tornar também a função de encarregado de tratamento dados pessoais e a gente vai, meu objetivo é transformar muita coisa no IF.

Pra que justamente outras pessoas que estejam na mesma configuração que eu já estive, um professor do interior, que apesar de conhecer, né? Gestores da reitoria, gestores de dos campi e tudo mais, apesar disso você continua fora administração, você não tá no dia a dia da gestão, você não tem voz ativa, necessariamente, você não tem, cê não sente que você tem abertura de, olha, eu vou fazer isso, essa sugestão e essa sugestão vai ser avaliada, vai ser acatada, vai ser implementada. Então, o que eu quero é levar pra cada um e cada uma, tanto técnico administrativo, servidores docentes, servidores terceirizados, alunos, familiares, sintam que têm potencial de voz ativa, sintam que tenham um espaço ali perfeito pra fazer a sua sugestão e poder acompanhar, ver que a sua sugestão foi avaliada pelas pessoas competentes pra executar mudança, foi priorizado ou não, foi alocada numa lista de prioridades. Então, a maior expectativa que eu tenho é de somar ao legado, que já foi deixado pelos ouvidores que passaram, mas ao mesmo tempo trazer pra ouvidoria a visão né? Que eu considero que é adequado pra esse momento, pra essa década, pra essa geração. É uma geração justamente hiperconectada. Então, o aspecto tecnológico vai ter que permear muito bem e ao mesmo tempo, justamente, trazer como prioridade o público, na minha opinião, é justamente o público que tem sempre mais dificuldade no IFRN pra ter suas demandas atendidas e poder causar transformação.

Os estudantes, em especial, os primeiranistas, né, do integrado, que entram com treze, ou tenho alunos agora do primeiro ano, tem treze, quatorze anos e precisam, justamente, de muitas orientações. Eu quero simplificar coisas pra esse público e pra o público familiar desses estudantes que muitas vezes são pais e mães ou tios, avós, que são trabalhadores rurais, que tem formação apenas até o ensino fundamental e eu quero que essas pessoas tenham um mecanismo facilitado de acesso a tudo e de solicitação de mudança de tudo, de transformação de tudo.

O senhor será o ouvidor mais jovem?

Sim

Como foi a trajetória no Consup?

Então, antes de falar da minha trajetória no conselho superior, eu quero falar sobre o campus Ipanguaçu.

O campus Ipanguaçu, que foi justamente o campus que eu adentrei, ele tem uma tradição muito forte desde antes de eu entrar de consulta interna à comunidade, processo eleitoral pra todos os cargos, pra todas as funções. Então, claro que o diretor geral é quem aponta e o diretor geral não precisa

fazer consulta, mas no campus Ipanguaçu sempre foi todos os cargos em consulta com votação entre os servidores, técnicos e docentes, nunca até o momento teve a participação de votação dos estudantes nessa consulta. Mas, mesmo assim, sempre teve.

Então, antes, as decisões que nós tomamos no campus Ipanguaçu, muitas vezes já são discutidas amplamente entre os colegas e assim foi, também, no conselho superior.

Quando o professor Geraldo, que agora é o nosso diretor geral, voltou do doutorado, ele justamente se propôs e assumiu o Conselho Superior, se candidatou e foi votado por nós, pra representar o campus de Ipanguaçu no Conselho Superior, professor Geraldo já tinha muitos anos de docência, no campus Ipanguaçu e também já tinha sido técnico da Fazenda Escola do Campus Ipanguaçu. Então, ele, justamente, representava muito bem e só que ao final do seu mandato, justamente, tava se aproximando o período de eleição e ele ia se candidatar a diretor geral. E ele falou, olha, gente, eu não vou mais participar do CONSUP não vou, não vou me eleger pra recondução, porque eu vou me candidatar a direção geral. Então, precisa de uma outra pessoa. E naquele momento, tava tendo uma discussão muito forte da mudança da grade da matriz curricular dos cursos integrados, pra que saísse de quatro anos para três anos. E eu, particularmente, sempre fui favorável à manutenção dos quatro anos. Queria levar essa voz ao conselho superior, o campus Ipanguaçu tava muito indeciso naquele momento, mas tava indo na direção dos quatro anos, eu falei pra todo mundo: Olha, gente, eu eh me vou me candidatar, se vocês numa reunião né? Olha, eu quero levar a nossa opinião se a se a opinião do campus não for a minha, eu garanto a todo mundo que eu vou levar a opinião do campus e vamos continuar com a nossa tradição e tal, democrática. E assim foi, cheguei no conselho superior e lá foi muito desafiante porque desde o início, né, primeiro, 2019 sempre teve muitas...

O conselho superior, é o ambiente justamente onde vão as decisões mais importantes, mais difíceis. Tem algumas decisões que são mais triviais como aprovação de cursos, aprovação de vagas que já vem com um processo bem instruído, né? Que passa por coordenações de curso, conselho de ensino, pesquisa, extensão, todos os órgãos administrativos, então são coisas mais fáceis, mas vem coisas que são realmente difíceis que impactam muito na vida institucional e a discussão tem que ser muito profunda, muito técnica e teve inclusive, né? Obviamente o processo eleitoral, que eu estava na, no Conselho Superior naquele momento, já..

E quando chega 2020, tivemos a última reunião com o professor Willys, eu perguntei na reunião se, né? O professor Willys sabia sobre alguma coisa, já que não, não, não tinha saído nada, nenhuma manifestação do MEC sobre a efetivação do professor Arnóbio, ele falou que não sabia nada na época e fomos surpreendidos no dia 20 de abril, com a chegada do professor Josué e foi um ano realmente muito difícil, porque, por exemplo, a primeira convocação que fizemos do Conselho Superior Extraordinária, após a indicação do

professor Josué, ele tentou cancelar a reunião suspender uma reunião convocada pelos membros a partir do regimento. Então, foi muito, foi um ano muito desgastante, foi uma experiência, eu posso dizer assim, sem sombra de dúvidas, que de toda a história do Conselho Superior do Instituto, desde que se transformou em IFRN, o ano de 2020 foi o mais desafiante, independente de qualquer outro momento que já tenha passado, foi, com certeza, o momento mais difícil. Porque, assim, botar no texto, porque não tem nem como explicar, em palavras adequadas pra uma entrevista mas foi muito, foi uma situação muito desgastante, pode colocar como uma **circunstância muito desgastante**, em que cada reunião se tornava, na verdade, uma experiência extremamente cansativa. Cê pode colocar dessa forma. E o ambiente do conselho superior já é cansativo pela natureza das discussões, né? Mas tava sendo ainda mais cansativo pela condução das reuniões.

Esse período desgastante se deu no período da gestão pro-tempore?

Sim. Porque no conselho superior a condução até então era feita pela presidência ou se substituto.

Mas a presidência, num primeiro momento, era o professor Belchior Rocha que justamente já tinha décadas de experiência, tinha toda a legitimidade da comunidade e tinha um corpo técnico de excelência. Seguido, professor Willians, que também tinha décadas de experiência, um corpo técnico de excelência, ou seu substituto eventual, Marcos Oliveira. E além disso, era justamente, servidores que pela experiência conduzir muito bem as reuniões com toda diplomacia, toda calma, permitindo pleno direito à voz, às opiniões divergentes e sempre abertos a aprender.

Entretanto, durante as reuniões da gestão pro-tempore, muitas vezes quando nós eu, por exemplo, e muitos outros conselheiros tentavam explicar como funcionavam determinadas coisas, tanto no nosso regimento do Conselho Superior, como da vida institucional do IFRN, tínhamos a voz cortada, éramos tratados sem uma devida consideração, sem o devido decoro, e tudo isso cria um ambiente muito desgastante, porque é repetitivo, não é um ato isolado. Foram nas reuniões, não foi em uma reunião específica, eu posso dizer reuniões específicas ao longo do ano de 2020 que foram tranquilas, que foram as reuniões conduzi pela professora Marília, como membro mais antiga, que foram conduzidas pela Patrícia, substituta da professora Marília, ou que foram conduzidas pelo servidor ou foi Valdecir ou Abinoan. Então, apenas essas reuniões foram realmente tranquilas, mas as demais foram muito desgastantes.

E quais são as boas memórias que o senhor leva do consup?

Eu as vezes uso frases pra sintetizar. Em uma peça de Shakespeare, Henrique V, tem uma frase que sintetiza a experiência desse ano que passou no CONSUP:

"De hoje até o fim dos tempos nós seremos lembrados. Nós, os afortunados, nós os irmãos. Pois aquele que hoje sangra comigo será o meu irmão."

Quando entrei no conselho em 2019, conhecia realmente apenas Geraldo Peregrino, técnico do Campus Cidade Alta. E agora após esses quase dois anos, em especial o ano passado, saio com laços que foram estreitados e forjados sob muita resistência. As boas memórias eu posso dizer que foram justamente do apoio que é oferecido quando você está em uma situação de adversidade. Das pessoas que tive oportunidade de conhecer, e os laços que construí, que não foram poucos

Se necessário fosse eu passaria mais 3 anos como conselheiro em uma gestão Pro-Tempore, apenas para poder ter o privilégio de continuar a construir o IFRN junto dessas pessoas que estão no Conselho Superior nesse biênio 2019-2021

Considerações finais

Eu tenho um amor muito grande pelo IFRN desde quando era CEFET-RN e meu nome saiu no jornal como aprovado para o Técnico em Edificações para 2006, em uma época que o mundo ainda funcionava de forma mais analógica. Então dos meus 29 anos de vida, 15 deles, mais da metade, eu passei dentro dessa Casa de Educação, como aprendi a chamar e tratar. E o meu objetivo é que todos possam ter uma experiência com o IFRN melhor ainda do que a que eu mesmo tive.